

# FASCISMO E NEOFASCISMO– DA TRAGÉDIA À FARSA TROPICAL<sup>1</sup>

Renata de Queiroz Brito<sup>2</sup>

Joeline Rodrigues de Sousa<sup>3</sup>

João Pedro Ferreira da Silva<sup>4</sup>

**Resumo:** Neste artigo buscamos compreender o fenômeno do fascismo, desde sua origem e desenvolvimento, para compreender quais elementos e contribuições podem ser considerados no combate à sua herança em nosso tempo e contexto, guardadas as particularidades. Neste sentido, o estudo expressa uma primeira aproximação sobre as características essenciais do fascismo, contexto e desdobramentos sócio-político-econômico e cultural de sua formação, ancorados, especialmente, no pensamento de Antonio Gramsci visando se apropriar em suas contribuições, conceitos e categorias que desenvolvera, mormente nos *Cadernos do Cárcere*, como aporte para colocar em movimento um processo de resistência e superação da formação neofascista em curso no Brasil atual. Para tanto, nos apoiamos nas obras do filósofo italiano - *Escritos políticos* (2004) e nos *Cadernos do Cárcere* (2011), e de autores de mesma perspectiva teórico-prática como Gianni Fresu (2017), entre outras leituras complementares sobre o tema.

**Palavras-chave:** Fascismo, Antifascismo, Antonio Gramsci.

## 1 INTRODUÇÃO

A utilização do termo fascismo e fascista para qualquer movimento político ou indivíduo que se apresente conservador ou autoritário na atualidade, pode ser compreendida por uma adaptação simplista do termo. Assim, será que podemos comparar o fascismo italiano ao que aconteceu nas eleições presidenciais brasileiras de 2018, com características semelhantes, como o antiesquerdismo e a aderência das massas ao conservadorismo? O fascismo histórico tem suas próprias características, seu período

---

<sup>1</sup> Trabalho construído pelo aporte teórico do Curso de filosofia, política e educação: Fascismo e antifascismo, ofertado pelo grupo de estudos GGramsci (UFC) e ministrado pelo professor Dr. Gianni Fresu (UFU). Atividade integrante do projeto de extensão PRÁXIS (Núcleo de Pesquisa e Extensão e Formação Humana).

<sup>2</sup> Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará –UFC. Coordenadora do GGramsci – Grupo de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci e do Práxis - Núcleo de Pesquisa e Extensão e Formação Humana. Email: joelinersousa@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante da Universidade Federal do Ceará (UFC) e aluno do terceiro semestre do curso de História. Participa do Grupo GGramsci (Grupo de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci)

próprio, que urgem ser conhecidos, pois devemos aprender com as experiências anteriores, encontrando elementos e contribuições para considerar no combate à sua herança na sociedade hodierna.

## 2. FASCISMO – GÊNESE E DESENVOLVIMENTO

O fascismo é um fenômeno que surgiu na Itália no começo do século XX. É importante considerar que o mundo passava por processos de mudanças causadas pelas recentes revoluções econômicas e científicas que ocorreram no final do século XIX. No livro de Gianni Fresu, intitulado *Nas Trincheiras do ocidente: lições sobre Fascismo e Antifascismo*, ele apresenta três pontos importantes que antecedem o surgimento do fascismo e contribuíram para o advento desse movimento político reacionário. Esses elementos foram o imperialismo, a Primeira Guerra Mundial e o novo quadro político e social na Itália no período pós-guerra. Esses elementos objetivos contribuíram para um ambiente cujas ideias fascistas tomassem corpo e direção.

O Imperialismo surge dentro do capitalismo como forma de conseguir e expandir mercados levando a uma maior concentração de capitais. Desse modo, ocorre uma divergência de interesses internacionais entre as nações. Conflitos esses que mais tarde levariam ao confronto da Primeira Guerra Mundial. Lênin (1994 *apud* FRESU, 2017)<sup>5</sup>, define como as características principais do Imperialismo: a concentração e centralização de capitais - tendência monopolista; a prevalência do capital financeiro sobre a produção, um estreito relacionamento entre capital bancário e industrial; a prevalência das exportações de capitais em comparação com as exportações de mercadorias; a divisão do mundo em áreas de influência e domínio; a utilização da guerra como instrumento para obter novas repartições territoriais, ou seja, um mecanismo importante e contraditório para o progresso, pois é uma forma de afirmar uma nação sobre as outras. Sendo assim, a elevação do capitalismo para a fase imperialista traz consigo duas consequências para a formação do fascismo:

- 1) o processo de concentração e centralização dos capitais acaba por destruir a função econômico-produtiva da pequena e média burguesia [...]
- 2) o conflito permanente, para o controle mundial das áreas coloniais sobre a influência das nações imperialistas, torna a

---

<sup>5</sup> LÊNIN, V. I. L'imperialismo fase suprema del capitalismo. Napoli: La Città del Sole, 1994, p. 54. *apud* (FRESU, 2017).

potência militar o instrumento fundamental de enfrentamento político ao nível internacional. (FRESU, 2017, p. 34)

Com todas essas expansões imperialistas pelo mundo, uma nova classe surge, o proletariado industrial ou classe operária. Em um primeiro momento, há uma organização política desses trabalhadores por melhores condições de trabalho e seus interesses de classe. É importante ressaltar que durante os anos iniciais do século XX, a Itália, ainda sofria com muitos resquícios do período feudal. Dessa forma, a classe predominante na Itália não era de trabalhadores industriais, pois a grande indústria se limitava ao norte do país, mas de camponeses assalariados. Esse tipo de relação favoreceu em um primeiro momento um movimento mais voltado para o anarquismo<sup>6</sup>. Mas, com os insucessos de conseguir garantias de direitos para os operários, o movimento anarquista perde força abrindo espaço para novos líderes, como Filippo Turati<sup>7</sup> mais voltados ao marxismo<sup>8</sup>. Dessa forma:

São anos marcados pelo impetuoso crescimento do PSI [...] Este partido estava, todavia, dividido entre a ala reformista, conduzida por Filippo Turati, e uma esquerda revolucionária, chamada maximalista, da qual Benito Mussolini, até 1914, foi um dos líderes mais importantes. (FRESU, 2017, P. 41)

Os maximalistas tomam a direção do partido e, posteriormente, um movimento entre a pequena e grande burguesia vai demandar por uma ação imperialista no país empurrando o país rumo a primeira guerra.

Depois da primeira guerra, se estabelece na Itália, como em outros países da Europa, um período de crise econômica e moral em toda a população, crise essa que coloca os Estados Unidos em crescimento em um contexto mundial. A crise econômica na Itália provoca então um achatamento e empobrecimento das classes médias, pequena e média burguesia e inflama os conflitos sociais. O futuro agora parecia incerto para boa parte da população italiana. Tirando vantagem dessa realidade, os nacionalistas, e depois os fascistas, começam a alimentar a insatisfação dessas classes que agora encontravam-se insatisfeitas com sua nova posição social. Os trabalhadores rurais e industriais também não ficaram de fora dessas angústias pós-guerra, já que todas as promessas: melhores

---

<sup>6</sup> Entre esses movimentos anarquistas estava até mesmo Alessandro Mussolini, o pai de Benito Mussolini.

<sup>7</sup> Filippo Turati foi um sociólogo e político socialista que liderou a virada socialista para o marxismo determinista predominante na época. (FRESU, 2017)

<sup>8</sup> É importante ressaltar o marxismo que predomina no PSI (Partido Socialista Italiano), foi um marxismo determinista, que estava sendo influenciado pelo recente positivismo.

salários, menos exploração, reforma agrária, feitas a esses indivíduos não foram cumpridas com a perda do país no conflito mundial, gerando uma descrença em relação aos partidos políticos. “Em 23 de março de 1919, foi constituído o *Movimento dei fasci di combattimento*, que depois, no congresso de 1921, se transforma no *Partido Nazionale Fascista*” (FRESU, 2017, p.47). Um partido antimonárquico, antiburguês, antissocialista. Dessa forma, apresentando-se como algo totalmente novo e diferente. O partido logo recebeu apoio dos grandes latifundiários e dos mercados e dirigentes internacionais. Porém, apenas com a marcha sobre Roma em 1922, é que Mussolini consegue seguir com o processo de desmonte da democracia que culmina com o fechamento do congresso e o encarceramento de seus opositores políticos em 1926, tomando contornos a partir deste momento de um regime ditatorial. O fascismo chegou ao poder principalmente por uma falta de oposição aos seus ideais<sup>9</sup>. Com todo esse movimento, o fascismo logo consegue apoio das massas, já que Mussolini investiu bastante em propagandas e com o fácil engajamento dos jovens por conta dos discursos nacionalistas e de colaboração mútua entre as classes disseminados pelo movimento.

### **3. O FASCISMO E A POLÍTICA DAS MASSAS**

Em *A Anatomia do Fascismo* de Robert Paxton, o fascismo é concebido como um movimento de massa contra a esquerda. Além do apoio dos grandes latifundiários e dos mercados e dirigentes internacionais, é fato que sem a participação política dos cidadãos comuns o fascismo não teria se consolidado. As massas foram incluídas na política pelo sufrágio universal, depois, manejadas, atraídas, disciplinadas e excitadas<sup>10</sup>. A partir da análise dos elementos de adesão das massas ao fascismo italiano, podemos ponderar e considerar pontos de convergência com o que vem acontecendo no Brasil desde as jornadas de junho de 2013, especialmente com o movimento que foi colocado em curso durante as eleições presidenciais de 2018, incentivando o antiesquerdismo e a aderência das massas ao conservadorismo.

---

<sup>9</sup> Diante da construção do fascismo, Gramsci em seus escritos se mostra completamente insatisfeito com o não posicionamento do PSI perante a ascensão do movimento reacionário. É nesse momento em que Gramsci escreve o artigo “Neutralidade ativa e operante” como crítica ao partido perante o fascismo. Gramsci (2005)

<sup>10</sup> PAXTON, (2007, p.80 e 81)

Segundo Marc Bloch (*apud* Paxton, 2007), as comparações são importantes para trazer à tona as diferenças. A questão se enreda em se chamamos apenas o regime de Mussolini de fascista, o de Hitler de nazismo e outros regimes por seu próprio nome.<sup>11</sup> Por entendermos a complexidade da definição do que é fascismo, e não apenas uma única forma histórica é que compreendemos que podemos tanto aferir que alguns líderes ou governos tenham características de algum dos movimentos fascistas, o que não significa que em sua totalidade possa ser considerado um governo fascista.<sup>12</sup> O que se pode afirmar, é que o fascismo, teve aspectos necessários para o seu surgimento e apresenta características próprias, mas é inviável uma definição fechada do que ele representa. Deste modo, até o conceito dos fascismos não pode ser entendido, se não de forma dialética, entendendo os aspectos objetivos e subjetivos.

Paxton (2007), recorda que Engels apesar de imaginar que os inimigos do socialismo poderia contra-atacar, não poderia esperar que esse ataque ganharia o apoio das massas: “Uma ditadura antiesquerdista cercada de entusiasmo popular – essa foi a combinação inesperada que os fascistas conseguiram criar no curto espaço de uma geração.” ( PAXTON, 2007, p.14) No mesmo bloco, cita o romancista Thomas Mann, o filósofo historiador Benedetto Croce e o historiador alemão Friedrich Meineke, que convergem na explicação de que ascensão do fascismo foi uma degeneração moral, que uma ralé, asnos e ignorantes ascenderam ao poder apoiados pelo júbilo das massas sedentas por excitação<sup>13</sup>.

Os marxistas definiram o fascismo como instrumento de luta da grande burguesia contra o proletariado, quando o Estado não conseguia deter estes pelas vias legais. Porém, se não é possível uma definição única e precisa do que é fascismo e pelas várias interpretações e definições que o termo fascismo gerou, reduzir o

---

<sup>11</sup> Paxton (2007) rejeita o nominalismo, e a tratar o fascismo como fenômeno separado. Resgatado do seu mal uso, o termo Fascismo indica um movimento popular contra a esquerda e contra o individualismo liberal. (PAXTON, 2007, p.45 e 46)

<sup>12</sup> Na série veiculada pelo jornal da UFMG: Fascismo: 100 anos, os especialistas são unânimes na afirmação de que a definição de fascismo é extremamente complexa, e dentre os especialistas, o Prof. Dr. Gianni Fresu, respondendo o que é fascismo, diz que pelas suas variações, é melhor falar em fascismos. O fascismo italiano, teve características próprias: foi caracterizado pela crise das dirigências italianas no pós-guerra, marcada pela política de massa, pela crise do liberalismo, e pela proletarização das classes médias e burguesas, neste contexto, surge como uma forma moderna de nacionalismo exacerbado, um autoritarismo muito diferente das formas tradicionais do pensamento conservador e autoritário, e de várias outras que a sucederam, com objetivo de afastar o povo da política, utilizando os meios de comunicação para moldar e enquadrar o indivíduo no regime desde o nascimento até a morte.

<sup>13</sup> PAXTON, 2007, p.21.

fascismo a autoritarismo, ou dizer que algum governo é fascista por alguma característica apenas, não seria razoável, é necessário explicar melhor o conceito para o significar, como indica Paxton.<sup>14</sup> Visto que, segundo ele, é necessário encontrar um modelo mais sutil do fascismo que explique as interações entre o líder e a nação, entre o partido e a sociedade civil.

Uma das perguntas mais difíceis de se responder é como as pessoas, individualmente, e as instituições colaboraram, ou não pararam com o genocídio de milhões, a exemplo do nazismo. É preciso entender as escolhas do cotidiano das pessoas e o que significa o peso ideológico da aceitação de um mal menor em nome da nação<sup>15</sup>.

Os próprios liberais de classe média, temerosos da ascensão da esquerda, ignorando o segredo do apelo às massas e tendo que enfrentar as impalatáveis escolhas a eles apresentadas pelo século XX, com frequência tiveram tão dispostos quanto os conservadores a cooperar com os fascistas. (PAXTON, 2007, p.44)

Nas palavras de Paxton (2007), mais do que alianças era necessário atrair eleitores que cansados, de uma política suja e fútil, desenvolveram o desprezo pela política, o antipolítico, o qual gerava agitação e prometia união, e não a divisão do povo, como eram acusados os partidos marxistas, os pequenos proprietários e o partido cristão. O fascismo se colocou como único caminho não socialista para restaurar a velha política, marcada pelo monopólio do poder de um único clã político.<sup>16</sup>

#### **4. DA TRAGÉDIA À FARSA – CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA FILOSOFIA DA PRÁXIS**

Antonio Gramsci foi o primeiro antes de muitos a compreender o real perigo do fascismo. Para o autor sardo, o fascismo não tinha uma ideologia original, mas bebia de outras ideologias para se formar. Gramsci interpretou o fascismo de uma maneira original, visto que, a ideia do fascismo como simples reação contra o proletariado, se mostrou ineficiente para uma análise mais profunda do tema, e também por não dar

---

<sup>14</sup> PAXTON, 2007, p.22.

<sup>15</sup> PAXTON, 2007, p.34 e 35.

<sup>16</sup> PAXTON, 2007, p.106.

conta das novas contradições que surgiram naquele momento. Seu método de análise, o materialismo histórico, que denomina de Filosofia da práxis, o permitiu abarcar de forma unitária as determinações econômicas e sociais da sua época, bem como, os aspectos ideológicos e morais da sociedade burguesa. Gramsci considerou as transformações advindas da Primeira Guerra Mundial e a Revolução de Outubro, o discurso a favor dos interesses da classe burguesa, da pequena e média burguesia que empobreceu, dos grandes proprietários de terras e do capital industrial que integraram a base social do fascismo. Por tais características o fascismo, para Gramsci, é um fenômeno historicamente determinado, por isso que “Gramsci interpretou o fascismo em sua relação com a fraqueza das classes dirigentes e com os limites da unificação política e modernização econômica que marcaram a história da Itália”. (FRESU, 2017, p. 115).

Quando Gramsci começou a compor os Cadernos do Cárcere em 1929, percebe-se que além de um trabalho para resistir aos anos de isolamento, tinha a intenção de contribuir para a compreensão da formação e a história do movimento fascista, como também as falhas daqueles que se opuseram ao movimento de Mussolini e em uma forma de organização para superação do regime protagonizada pela classe subalterna, interesse que ele demonstra em carta a Tania Schucht já em 19 de março de 1927<sup>17</sup>.

Nesse sentido que no primeiro esboço do projeto de estudos dos Cadernos do Cárcere, Gramsci define dezesseis pontos principais que deverão guiar a pesquisa e demonstram seu interesse em buscar compreender quais elementos históricos possibilitaram a formação do fenômeno do fascismo na Itália, os quais se centram em torno do processo de formação sócio-histórico-político-econômico e cultural da península e suas contradições, passando pela teoria da história à formação dos grupos intelectuais<sup>18</sup>. Da análise desse quadro histórico-político, no viés dialético, que Gramsci desenvolve seus principais conceitos e categorias que transcendem seu tempo

---

<sup>17</sup> “[...] Estou atormentado [...] por esta ideia: de que é preciso fazer algo “für ewig”. [...] Em suma, gostaria, segundo um plano preestabelecido, de ocupar-me intensa e sistematicamente de algum tema que me absorvesse e centralizasse minha vida interior. Pensei em quatro temas até agora, e já isso é um indicador de que não consigo me concentrar. São eles: 1) Uma pesquisa sobre [...] os intelectuais italianos, suas origens, seus agrupamentos segundo as correntes culturais, seus diversos modos de pensar, etc., etc.” (GRAMSCI, [1927], 2005, p.128)

<sup>18</sup> Para Giuseppe Fiori, autor da principal biografia de Gramsci – *A vida de Antonio Gramsci* (1979), os Cadernos do Cárcere são a ampliação da *Questão Meridional* que Gramsci escrevera pouco antes de ser preso em 1926, texto que evidencia a hegemonia do Norte sobre o Sul – tratado como uma semicolônia pelo Norte, e as diversas contradições dessa relação na formação do tecido social, político e econômico.

histórico e nos auxiliam na compreensão das relações contraditórias da realidade vigente, quais sejam: hegemonia e intelectuais orgânicos.

Ao analisar o *Risorgimento* italiano no Caderno 19, Gramsci afere que no processo de formação e unificação italiana, ocorre um processo de revolução sem revolução ou revolução-restauração das forças dominantes, na qual há a participação dos intelectuais na busca do equilíbrio político das correlações de forças para manutenção do domínio e da hegemonia política dos Moderados antes mesmo de chegar ao governo. É nesse viés que Gramsci afirma que uma classe é dominante em dois modos, isto é, dirigente e dominante e, também, demonstra a incapacidade do Partido da Ação em aglutinar os intelectuais e as massas para constituir uma força autônoma. Dessa forma, reconhece que

O conceito de revolução passiva me parece exato não só para a Itália, mas também para outros países que modernizaram o Estado através de uma série de reformas ou guerras nacionais, sem passar pela revolução política de tipo radical-jacobino. (GRAMSCI, 2011, p.209-210)

A revolução passiva se efetiva, assim, pelo alto sem a efetiva participação popular. Por isso Gramsci analisa e conceitua o papel dos intelectuais nesse processo e pela debilidade de um movimento genuinamente popular, verifica o processo de transformismo, ou seja, de adesão das lideranças dos grupos subalternos aos grupos dominantes. Ademais, amplia o conceito de intelectuais e Estado<sup>19</sup> e, além disso, desenvolve uma proposta de intelectual orgânico no viés revolucionário, e, portanto, de uma formação omnilateral, para o qual resgata o caráter ontológico da educação<sup>20</sup>, como podemos verificar no Caderno 12, intitulado *Os intelectuais e a formação da cultura*. Os intelectuais orgânicos, segundo Gramsci, são aqueles que se preocupam

---

<sup>19</sup> Em uma carta à sua cunhada Tatiana Schucht de dezembro de 1931 onde Gramsci expõe de forma resumida seu novo conceito de Estado: “Eu amplio muito a noção de intelectual e não me limito à noção corrente que se refere aos grandes intelectuais. Esse estudo leva também a certas determinações do conceito de Estado, que habitualmente é entendido como sociedade política (ou ditadura, ou aparelho coercitivo para adequar a massa popular a um tipo de produção e a economia a um dado momento); e não como equilíbrio entre a sociedade política e sociedade civil (ou hegemonia de um grupo social sobre a inteira sociedade nacional, exercidas através de organizações ditas privadas, como a igreja, os sindicatos, as escolas, etc)”. (GRAMSCI, [1931] 2005, p.84)

<sup>20</sup> Ver: SOUSA, J. R. *Gramsci, Educação, Escola e Formação: caminhos para a emancipação humana*. Curitiba: Appris, 2014.

não apenas com a realidade imediata, com o que é, mas sobretudo, com aquilo que poder ser, isto é, com a possibilidade de colocar em movimento uma nova forma de ser. Estes intelectuais não podem ser ou estar atomizados, mas organizados e em organicidade na forma Partido para aglutinar as massas e a vontade operosa de uma consciência coletiva da necessidade de subversão praxica das formas de opressão e exploração rumo à emancipação humana.

A partir desses elementos que Gramsci considera o fascismo como uma revolução passiva nas formas do corporativismo político e econômico com a introdução de uma revolução técnico-científica introduzida com o taylorismo e fordismo, da qual Gramsci desenvolve o conceito de americanismo e pela qual há é realizada uma mudança profunda na estrutura econômica sem alterar as hierarquias pré-existentes. Estas garantidas pelo Estado através da legislação e com o aparato ideológico da Igreja, por sua vez, fundada numa noção profundamente reacionária e agrarista.

Em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, Marx (2011) recuperando Hegel, vai afirmar que os grandes fatos e personagens da história são encenados por duas vezes, a primeira como tragédia, a segunda como farsa. Desse modo que, guardadas as semelhanças entre Brasil e Itália a que Giorgio Baratta se referia, os elementos do fascismo encontraram terreno fértil em solo tropical, que mergulhado numa crise econômica e política profunda fizeram emergir as verdadeiras raízes do Brasil de viés oligárquico, autoritário e retrógrado, resquícios da colonização, do processo de formação sócio-histórica escravista, as sucessivas revoluções passivas<sup>21</sup> na formação do Estado brasileiro e de um capitalismo atrasado que preserva aspectos da velha ordem. Todos esses elementos, é evidente, são anteriores a emergência de governos neofascistas, aspectos que aliados à tendência endêmica à subversão reacionária das classes dirigentes prepara e proporciona viradas autoritárias, especialmente em momentos de crise.

Para tanto, coloca em curso tanto um corporativismo de novo tipo quanto aos novos processos de formação da opinião pública e manipulação ideológica das massas. Enquanto no fascismo italiano, o regime buscava consolidar o corporativismo com

---

<sup>21</sup> Ver: COUTINHO, C.N. O Estado brasileiro: gênese, crise, alternativas. In: LIMA, J.C.F., and NEVES, L.M.W., org. Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, pp. 173-200

ações no campo econômico e político ao harmonizar capital – trabalho com economia programática introduzindo uma revolução técnico-científica da produção de tipo fordista e uma modernização de tipo americana e reconhecendo o valor público dos sindicatos visando regular as estruturas organizativas dos trabalhadores e movimentos populares, no caso atual, mormente o brasileiro, o corporativismo se expressa na exarcebção do liberalismo e as relações competitivas sob um Estado policial e ultraliberal que mantém uma agenda de privatizações e entreguismo ao grande capital financeiro e internacional de toda riqueza nacional, recursos naturais. Pois como assenta Gramsci,

Quanto mais a vida econômica imediata de uma nação se subordina às relações internacionais, tanto mais um determinado partido representa esta situação e a explora para impedir o predomínio dos partidos adversários [...] com frequência, o chamado “partido do estrangeiro” não é propriamente aquele que é habitualmente apontado como tal, mas precisamente o partido mais nacionalista, que, na realidade, mais do que representar as forças vitais do próprio país, representa sua subordinação e servidão econômica às nações hegemônicas. (GRAMSCI, 2007, p.20)

Todo esse movimento ocorre com o apoio da Igreja, especialmente a Igreja cristã de tipo neopentecostal que passou a formar e ocupar, nos últimos anos, a bancada da bíblia no cenário político-parlamentar, a qual se integra aos interesses agrários da bancada da boi e aos interesses armamentistas da bancada da bala, compondo portanto, a base reacionária necessária para levar a cabo um processo de desgaste do tecido social e colocar em curso a destruição dos direitos dos trabalhadores e das possibilidades de organização, pela utilização da legislação para desestruturar e desmontar as condições de manutenção dos sindicatos, bem como das instituições de promoção do conhecimento.

Dessa forma, desmantela-se as condições objetivas de vida e organização, acentuando o individualismo extremado, a concorrência e a meritocracia, que aliados ao subjetivismo filosófico e ao irracionalismo permite a relativização do ser humano e a falta de reconhecimento do outro, da alteridade necessária para formação da identidade e autorreconhecimento como ser coletivo e a disseminação do ódio ao bode expiatório necessário para difusão ideológica de uma moral conservadora e autoritária, o marxismo cultural e os movimentos de luta feminista, racial e lgbt.

Dessa forma, as camadas médias achatadas durante o governo de coalizão e conciliação socialdemocrata – o qual expandiu projetos sociais e a melhoria das condições de vida de pessoas que viviam abaixo da linha da pobreza – a partir de junho de 2013 tomam as ruas com reivindicações difusas e baseadas em negações - apoliticista, apartidário – incentivadas e organizadas pelas redes sociais. Logo, o discurso de isenção vai tomando contornos “interessados” e representantes que “unificam” o interesse na defesa da neutralidade do Estado e de suas instituições, o que significa a retirada da esquerda do poder e o combate às formas ditas ideológicas de “doutrinação”.

Com o fim das ilusões das massas com o governo socialdemocrata, que demonstrou na condução da governabilidade, coalizão e na tentativa da conciliação de classes o avesso do reverso que se esperava, consolidando a forma tropical de transformismo e de equilíbrio de forças, que resultou no refluxo político-social, o qual agudizou a crise orgânica com a manipulação das massas e da opinião pública, galvanizando o sentimento anticorrupção e antiPT, com o apoio das grandes redes de comunicação. E são nesses momentos de encruzilhadas, de crise das classes dirigentes e de limites dos movimentos de esquerda, que irropem os monstros.

Quando a crise não encontra esta solução orgânica, mas aquela do chefe carismático, significa que existe um equilíbrio estático (para o qual os fatores podem ser os mais diferentes, mas em que prevalece a imaturidade das forças produtivas), onde nenhum grupo, nem aquele conservador, aqueles progressivo, tem a força necessária para a vitória, e que também o grupo conservador precisa de um chefe. (GRAMSCI, 2007, p.61)

Nesse cenário, que emerge a alternativa salvacionista que se apresenta como o “novo” e encontra terreno para cimentar-se no medo e no ódio, reforçando o conteúdo ideológico necessário para unificar as massas entorpecidas em torno de um projeto sem projeto, que no campo econômico abraça os interesses do agronegócio, da indústria e serve, de fato, aos interesses do capital internacional. Em poucos meses testemunhamos, com uma velocidade vertiginosa, um processo de destruição dos direitos, de garantias sociais e de vida dos trabalhadores, dos povos mais vulneráveis e das riquezas naturais, uma escalada do autoritarismo e da censura, através de intervenções antidemocráticas, demissões e exonerações. Todo esse movimento dramático exige uma rápida reorganização das forças políticas progressistas com

pautas concretas e uma tática de virada ideológica, desgastando as contradições e a distância entre a prática e os desdobramentos disso na vida da população, antes que se efetive a possibilidade de uma virada autoritária. Para tanto, Gramsci delineia no *Caderno 13 – Maquiavel, O Estado e a Política*, contribuições plausíveis para recuperar as formas de resistência e de criação de uma nova existência, segundo ele, um organismo vivo - o intelectual coletivo, o partido – capaz de superar qualquer visão mítica da realidade e adoração a mitos, na medida em que possibilita aos indivíduos a apropriação historicista da realidade e do real, possível e necessário desenvolvimento de suas próprias capacidades e participação ativa como demiurgos de sua própria história, anunciando e organizando uma reforma intelectual necessária para a realização de uma forma superior de civilização moderna.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O fascismo é um fenômeno historicamente determinado por um conjunto de fatores sócio-históricos, visto que tem lugar e características próprias para seu advento. No período pós Primeira Guerra, a crise econômica na Itália provocou o empobrecimento das classes médias inflamando conflitos sociais, e nacionalistas, trabalhadores rurais e industriais se uniram na angústia que a crise, havendo um crescente desânimo em relação aos partidos políticos. Quando em 1921, o *Partido Nazionale Fascista* surge, como um partido antimonárquico, antiburguês, antissocialista, apresentando-se como algo novo e diferente, recebeu apoio dos grandes latifundiários e dos mercados e dirigentes internacionais e atraiu a massa, na ocasião eleitoral, cansada da política suja e fútil.

Pelo advento do fascismo ser historicamente determinado, atribuímos o termo para qualquer movimento político ou indivíduo que se apresente conservador e autoritário, não se configura uma adequação correta. Porém, os elementos essenciais que se apresentam em sua formação imersa em contradições, os quais autores como Antonio Gramsci conseguiram abstrair da leitura dialética e historicista da realidade trágica de seu tempo, nos auxiliam no prognóstico da configuração da farsa neofascista tropical de nosso tempo, a qual guarda semelhanças e diferenças de alguns fatores que caracterizam o fenômeno - o processo de formação nacional marcada por sucessivas revoluções passivas e transformismo, a debilidade das classes dirigentes em

manter a hegemonia em momentos de crise, tendência à subversão reacionária das classes dominantes, utilização de métodos de guerra como política, discurso nacionalista e populista com tática político-ideológica para *scimiare* das massas – mas que objetivam de fato a reorganização do capital em crise, aos patamares de lucros cada vez mais exorbitantes às custas dos direitos e da vida dos grupos subalternos, das camadas oprimidas e exploradas.

Nesse sentido, que Gramsci nos Cadernos do Cárcere, além da análise do fenômeno que originou o fascismo na Itália, delineou proposições para que a classe subalterna se organize e coloque em movimento um processo de superação não apenas do fenômeno do fascismo - que se apresenta quando o capital em tempos de crise precisa romper com a própria democracia e o Estado democrático de direito que o sustenta em tempos de equilíbrio da força e do consenso, mas sobretudo, a superação de toda a estrutura e superestrutura que sustenta as relações de exploração posta pelo capital, por uma nova forma de ser. Para tanto, é preciso colocar em curso uma reforma intelectual e moral que, segundo Gramsci, já expressa também uma reforma econômica. Este movimento deve ser anunciado e organizado pelo Partido, o qual assume a perspectiva revolucionária, qual seja, formar os intelectuais orgânicos necessários para desenvolver a autonomia e o espírito inventivo necessários para assumir e tomar pra si a desconstrução da velha ordem e a construção de um novo modo de vida social.

## **REFERÊNCIAS**

COUTINHO, C.N. O Estado brasileiro: gênese, crise, alternativas. In: LIMA, J.C.F., and NEVES, L.M.W., org. Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, pp. 173-200

FRESU, Gianni. **Nas Trincheiras do Ocidente:** Lições sobre fascismo e antifascismo. Ponta Grossa: Uepg, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos Políticos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere,** volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere,** volume 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GRAMSCI, Antonio. **Cartas do Cárcere**, v.1: 1926-1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Cartas do Cárcere**, v.2: 1931-1937. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ROBERT O. PAXTON. **A anatomia do fascismo**. Terra e paz ed., São Paulo, 2007

Fascismo 100 anos. Jornal UFMG.

Disponível em: <> <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/100-anos-do-fascismo-serie-discute-influencia-da-ideologia-de-mussolini-a-Atualidade>. Acesso em: 18 de jul/2019.